

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

MIRIÉLEN DE SOUZA LOCATELLI

***“CAPITÃES DA AREIA”* DE JORGE AMADO: LIVRO E FILME EM  
DIÁLOGO**

JARDIM –MS

2015

MIRIELEN DE SOUZA LOCATELLI

**“CAPITÃES DA AREIA” DE JORGE AMADO: LIVRO E FILME EM  
DIÁLOGO**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras,  
Habilitação Português-Inglês, da Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim, como  
requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em  
Letras.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susylene Dias de Araujo

JARDIM -MS

2015

LOCATELLI Miriélen de Souza Locatelli

*Capitães da Areia* de Jorge Amado: Livro e Filme em Diálogo./ Miriélen de Souza Locatelli. Jardim: UEMS, 2015. 32 P. 30 cm

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês–  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

1. *Capitães da Areia*; 2. Diálogo; 3. Literatura e Cinema

É concedida a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoridade do trabalho.

---

Miriélen de Souza Locatelli

Jardim, 18 de Dezembro de 2015

**MIRIÉLEN DE SOUZA LOCATELLI**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUES/ INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**“CAPITÃES DA AREIA” DE JORGE AMADO: LIVRO E FILME EM  
DIÁLOGO**

APROVADO EM: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Susylene Dia de Araujo – UEMS - JD

Orientadora

---

Prof. Me. Rosicley Andrade Coimbra- UEMS-JD

---

Prof<sup>ª</sup> Me. Patrícia G. G. Costa – UEMS – JD

AO MEU ESPOSO DANILO, E AOS MEUS FILHOS LUIZA E  
VITOR.

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo e sempre quero agradecer a Deus por me dar força e sabedoria para concluir o tão sonhado, curso de Letras. Agradeço ainda, de maneira especial:

Ao meu esposo Danilo, que passou muitas e muitas noites de sono na espera pelo fim das aulas, e que nunca me deixou desanimar em relação aos estudos. Obrigada por cuidar dos nossos filhos para eu poder buscar meus objetivos acadêmicos. Te amo.

Aos meus filhos, Luiza e Vitor, frutos da vida e da vida acadêmica.

Aos meus pais, em especial a minha mãe, Marlene. Minha guerreira no trabalho árduo para me oferecer a melhor educação que uma mãe pode dar.

Aos meus avós, Devaldino e Auxilia Locatelli. Amo muito e que fizeram parte da minha conquista.

A minha tia e madrinha, Ivete, que despertou em mim o gosto pelo estudo.

A minha irmã, Milena, por ser grande incentivadora no meu crescimento intelectual.

A meus sogros, Francisco Lopes e Ruth Eufrásia, em especial a minha sogra Dona Ruth que sempre me incentivou a estudar para melhorar de vida, e que muito me ajudou cuidando da Luiza para eu poder ir aos estágios, realizar minhas leituras referente à faculdade, entre tantas outras coisas que seria quase impossível enumerar agora.

Aos meus colegas de turma e aos verdadeiros amigos que conquistei no decorrer do curso de Letras na UEMS.

Enfim a todos os professores que passaram pela minha vida acadêmica pela atenção, carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo desses quatro anos do curso.

De modo muito especial a minha orientadora Susylene Araujo, que acreditou e apostou no meu potencial de acadêmica e me convidou para ser sua orientanda, mesmo sabendo de todas as minhas dificuldades familiares de mãe e acadêmica, e que acreditou em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer um paralelo entre o romance “*Capitães da Areia*” do ano de 1937 do escritor Jorge Amado e filme dirigido por Cecília Amado que foi lançado no ano de 2011, ambos abordando o tema do abandono vivido pelos meninos e meninas nas ruas de Salvador-Bahia. Falaremos como foi possível abordar as questões pertinentes do livro “*Capitães da Areia*” e retrata-las no filme homônimo, também discutiremos sobre algumas passagens do livro que foram suprimidas ou excluídas da película.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. *Capitães da Areia*; 2. Diálogo; 3. Literatura e Cinema

## ABSTRACT

This study aims to draw a parallel between the novel "*Capitães da Areia*" of the year 1937 of Jorge Amado writer and film directed by Cecilia Amado that was launched in 2011, both addressing the dropout issue experienced by boys and girls in Salvador, Bahia streets. We'll talk it was possible to address relevant issues of "*Capitães da Areia*" and portrays them in the eponymous film also discuss about some passages in the book that were deleted or excluded from the film.

**KEY-WORDS:** 1. Capitães da Areia; 2. Dialogue; 3. Literature and Cinema

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	p.11
CAPÍTULO I - A VIDA E A OBRA DE JORGE AMADO	
1.1 Vida de Jorge Amado.....	p.12
1.2.Principais Obras.....	p.14
1.3 Publicações no Exterior.....	p.16
CAPÍTULO II - “CAPITÃES DA AREIA”: O LIVRO E O FILME	
2.1 Apresentação de Capitães da areia: O Livro.....	18
2.2 Os Capitães da Areia.....	21
2.3 O Filme “Capitães da Areia”.....	25
CAPÍTULO III – OS CAPITÃES DO LIVRO E OS CAPITÃES DO CINEMA	
3.1 Literatura e cinema um diálogo possível.....	27
3.2 Literatura e cinema em Capitães da Areia.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

LISTA DE TABELAS

TABELA1.1 As obras de Jorge Amado .....p.15

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho fará um paralelo entre a obra literária de Jorge Amado “Capitães da Areia” e o filme de homônimo do ano de 2011, que foi dirigido pela neta de Jorge Amado lançado, Cecília Amado. Neste trabalho vamos observar as possíveis relações entre o livro e o filme, falaremos sobre a questão do abandono vivido pelas crianças e adolescentes nas ruas de Salvador – personagens principais do romance “Capitães da Areia” (1937), do escritor Jorge Amado. Tomamos, portanto, a obra literária supracitada como corpus para analisarmos as questões ora explicitadas, uma vez que partimos de dois postulados: o primeiro concerne ao caráter original do romance em questão – a primeira obra da literatura brasileira a abordar a temática da situação de abandono de menores de idade; o segundo ponto referente é como as questões pertinentes do livro foram tratadas no filme.

No capítulo I intitulado “A vida e a obra de Jorge Amado”, falaremos sobre sua biografia, e seu amplo trabalho como escritor. Suas obras, muitas delas transformadas em filmes, minisséries e telenovelas.

No capítulo II “Capitães da areia: o livro e o filme” apresentaremos o livro “*Capitães da Areia*”, seus personagens, espaço, tempo e a temática “infância em abandono”. Neste mesmo capítulo abordaremos o filme e como as questões pertinentes no livro foram tratadas no filme.

No capítulo III “Os capitães do livro e os capitães do Cinema”, faremos um paralelo entre o livro “*Capitães da Areia*” e o filme homônimo, abordando os aspectos positivos e negativos de se transformar uma obra literária em película cinematográfica.

## CAPÍTULO I - A Vida e a Obra de Jorge Amado

### 1.1 A Vida de Jorge Amado

Qualquer um que esteja interessado em conhecer um pouco sobre a vida de Jorge Amado pode ter acesso aos seus dados biográficos em pesquisas por buscadores da internet. Recentemente, para efeito desse trabalho, recorreremos a esse recurso, buscando em sites que aqui serão referenciados. Ficamos sabendo Jorge Amado é o filho de João Amado de Faria e de D. Eulália Leal, criança nascida no dia 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, em Ferradas, distrito de Itabuna - Bahia. O casal teve mais três filhos: Jofre (1915), Joelson (1920) e James (1922).

Com apenas dez meses, presencia a cena de seu pai ferido em uma tocaia dentro de sua própria fazenda. No ano seguinte uma epidemia de varíola obriga a família a deixar a fazenda e se estabelecer em Ilhéus. Em 1917 a família muda-se para a Fazenda Taranga, em Itajuípe, onde seu pai volta à lida na lavoura de cacau.

Vale ressaltar que Jorge Amado foi alfabetizado em casa por sua mãe, e em 1918, Jorge retorna a Ilhéus e passa a frequentar a escola de D. Guilhermina, naquela época os professores não hesitavam em usar a palmatória e impor outros castigos a seus alunos. Para continuar em seus estudos o menino Jorge se muda para Salvador, em regime de internato, no Colégio Antônio Vieira, de padres jesuítas.

Certa vez apresentou uma redação ao padre Luiz Gonzaga Cabral, com o título de "*O Mar*", o religioso ficou muito entusiasmado com sua escrita e passou a incentiva-lo emprestando livros de autores portugueses e de outras partes do mundo. Por motivos desconhecidos, dois anos depois, seu pai vai levá-lo até o colégio após as férias, os dois se despedem e Jorge, ao invés de entrar nele no colégio, foge. Viaja por dois meses até chegar à casa de seu avô paterno, José Amado, em Itaporanga, no Sergipe. A pedido de seu pai, seu tio Álvaro o leva de volta para a fazenda em Itajuípe.

Seu pai agora o matricula no Ginásio Ipiranga ainda em regime de internato, é nessa época que começa a desenvolver seu lado de escritor com a criação do jornalzinho "*A luneta*", o qual distribuía para colegas e parentes e os "*A Pátria*" e "*A Folha*", do grêmio estudantil.

Em 1927, ainda estudante, agora do regime de externato, começa a trabalhar como repórter no "*Diário da Bahia*". Pouco depois vai para o jornal "*O Imparcial*". Uma poesia de sua autoria, "*Poema ou prosa*", é publicada na revista "*A Luva*". Conhece o pai-de-santo

Procópio, que o nomeará ogã (protetor), o primeiro de seus muitos títulos no candomblé.

Em 1931, é aprovado entre os primeiros colocados na faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, seu primeiro romance “O país do Carnaval” é publicado e sua escrita recebe muitos elogios.

Envolve-se com o comunismo, como a maioria dos escritores da época, e vê seu romance seguinte “*Cacau*” ser apreendido por policiais. Por este motivo, passa certo tempo exilado na Argentina. Mais tarde, entre 1936 e 1937 é preso por se opor ao Estado Novo. Contudo, antes mesmo desse tempo na prisão, o livro “*Cacau*” é publicado e também torna-se um sucesso entre as críticas.

Em dezembro de 1933, casa-se com a primeira mulher, Matilde Garcia Lopes, com quem tem uma filha, Eulália. Um ano depois, publica os romances “*Suor*” e “*Jubiabá*” e forma-se em Direito, quando começa as perseguições que o levariam a citada detenção.

O livro “*Mar morto*” é publicado e recebe o prêmio Graça Aranha. E enquanto viaja para o exterior em 1937, o livro “*Capitães da Areia*” é publicado e de volta ao Brasil é preso novamente quando tentando escapar, vai para Manaus. Milhares de exemplares de seus livros publicados, tidos como revolucionários, são queimados em Salvador por ordem militar.

Pouco tempo na prisão, é solto em 1938, quando se muda para São Paulo. Seus livros começam a ser traduzidos e publicados no exterior. Após permanecer envolvido com questões de ordem política, torna-se redator das revistas “*Dom Casmurro*” e “*Diretrizes*”. Em 1942 publica em Buenos Aires “A vida de Luís Carlos Prestes”, com o intuito de ajudar na anistia do comunista. Mais uma vez é preso ao desembarcar em Porto Alegre e, então, é proibido de sair das terras de Salvador. Publica o livro “*Terras do sem fim*”, o qual não é censurado. Separa-se de Matilde em 1944.

Em 1946, envolve-se mais intensamente com a política através de sua candidatura de deputado do PCB. Apesar de eleito, tem o mandato suspenso por alegação de ilegalidade do partido. Neste período conhece Zélia Gattai, com quem passa a viver. Em 1946 publica o romance sobre a seca “*Seara Vermelha*”. Um ano depois lança “*O amor de Castro Alves*” e nasce seu primeiro filho, João Jorge.

Em 1949, sua filha Eulália morre de causas não conhecidas. Por muito tempo viaja pela Europa, chegando a ir à China e Mongólia e escreve “*O mundo da paz*”, no qual faz referências aos países socialistas visitados. Em 1951, nasce a filha Paloma, no ano seguinte, volta ao Brasil. Fixa residência no Rio de Janeiro e passa a produzir e viver da literatura modestamente.

Então, em 1958 escreve “*Gabriela, cravo e canela*”, livro que lhe rendeu várias premiações, além de ter sido adaptado para a TV. Nesta época, recebe de uma mãe-de-santo um dos mais altos títulos do candomblé. Um tempo depois, lança o “*Dona Flor e seus dois maridos*”, que também aparece nas telas mais tarde.

Jorge Amado sofre um edema pulmonar no ano de 1996 e logo depois submetido a uma angioplastia, a partir de então vive uma vida de privações e de tristeza, pois não conseguia mais enxergar direito e, por isso, tinha dificuldade em ler e escrever e por não poder comer mais o que gostava.

Em 2001, é internado com crise de hiperglicemia e tem uma fibrilação cardíaca. Volta a sua casa, mas passando mal novamente, morre no dia 06 de agosto, em Salvador, aos 88 anos de idade.

Jorge Amado é representante da segunda fase do Modernismo no Brasil, voltada aos romances regionalistas. No entanto, a obra de Jorge Amado é dividida pelos críticos literários em: 1. Romances da Bahia ou proletários que retratam a vida na cidade de Salvador, como é o caso de *Suor*, *O país do Carnaval* e *Capitães da Areia*. 2. Romances ligados ao ciclo do cacau, que correspondem aos livros *Cacau* e *Terras do sem fim*. 3. Crônicas de costumes, começadas com *Jubiabá* e *Mar Morto* e estendendo-se por *Gabriela, cravo e canela*.

## 1.2 A Obra

<b>Romances:</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- <i>O País do Carnaval</i>, 1931</li><li>- <i>Cacau</i>, 1933</li><li>- <i>Suor</i>, 1934</li><li>- <i>Jubiabá</i>, 1935</li><li>- <i>Mar Morto</i>, 1936</li><li>- <i>Capitães da Areia</i>, 1936</li><li>- <i>Terras do Sem Fim</i>, 1943</li><li>- <i>São Jorge dos Ilhéus</i>, 1944</li><li>- <i>Seara Vermelha</i>, 1946</li><li>- <i>Os Subterrâneos da Liberdade</i> (3 v), 1954 (v. 1: <i>Os Ásperos Tempos</i>; v. 2: <i>Agonia da Noite</i>; v. 3: <i>A Luz no Túnel</i>)</li><li>- <i>Gabriela, Cravo e Canela</i>, 1958</li></ul>
------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os Pastores da Noite, 1964</li> <li>- <i>Dona Flor e Seus Dois Maridos</i>, 1966</li> <li>- <i>Tenda dos Milagres</i>, 1969</li> <li>- <i>Teresa Batista Cansada da Guerra</i>, 1972</li> <li>- <i>Tieta do Agreste</i>, 1977</li> <li>- <i>Farda Fardão Camisola de Dormir</i>, 1979</li> <li>- <i>Tocaia Grande: a face obscura</i>, 1984</li> <li>- <i>O Sumiço da Santa</i>, 1988</li> <li>- <i>A Descoberta da América pelos Turcos</i>, 1994</li> <li>- <i>O Compadre de Ogum</i>, 1995</li> </ul>
<b>Novelas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água</i>, 1959</li> <li>- <i>A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água</i> (publicada juntamente com <i>Os Velhos Marinheiros</i> ou <i>A completa verdade sobre as discutidas aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso</i>, in <i>Os velhos marinheiros</i>, 1961</li> <li>- <i>Os Velhos Marinheiros</i> ou <i>A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso</i>, 1976</li> </ul>
<b>Literatura Infanto-Juvenil:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i>, 1976</li> <li>- <i>A Bola e o Goleiro</i>, 1984</li> <li>- <i>O Capeta Carybé</i>, 1986</li> </ul>
<b>Poesia:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A Estrada do Mar</i>, 1938</li> </ul>
<b>Teatro:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>O Amor do Soldado</i>, 1947 (ainda com o título <i>O Amor de Castro Alves</i>), 1958</li> </ul>
<b>Contos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Sentimentalismo</i>, 1931</li> <li>- <i>O homem da mulher e a mulher do homem</i>, 1931</li> <li>- <i>História do carnaval</i>, 1945</li> <li>- <i>As mortes e o triunfo de Rosalinda</i>, 1965</li> <li>- <i>Do recente milagre dos pássaros acontecido em terras de</i></li> </ul>

	<p><i>Alagoas, nas ribanceiras do rio São Francisco</i>, 1979</p> <p>- <i>O episódio de Siroca</i>, 1982</p> <p>- <i>De como o mulato Porciúncula descarregou o seu defunto</i>, 1989</p>
<b>Relatos autobiográficos:</b>	<p>- <i>O menino grapiúna</i>, 1981</p> <p>- <i>Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei</i>, 1992</p>
<b>Textos autobiográficos:</b>	<p>- <i>ABC de Castro Alves</i>, 1941</p> <p>- <i>O cavaleiro da esperança</i>, 1945</p>
<b>Guia/Viagens:</b>	<p>- <i>Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e de mistérios</i>, 1945</p> <p>- <i>O mundo da paz</i> (viagens), 1951</p> <p>- <i>Bahia Boa Terra Bahia</i>, 1967</p> <p>- <i>Bahia</i>, 1970</p> <p>- <i>Terra Mágica da Bahia</i>, 1984.</p>
<b>Documento político/Oratória:</b>	<p>- <i>Homens e coisas do Partido Comunista</i>, 1946</p> <p>- <i>Discursos</i>, 1993</p>
<b>Livro traduzido:</b>	<p><i>Dona Bárbara (Doña Barbara)</i>, romance do venezuelano Rómulo Gallegos, 1934</p>
<b>Em parceria:</b>	<p>- <i>Lenita</i> (novela), com Edison Carneiro e Dias da Costa, 1929</p> <p>- <i>Descoberta do mundo</i> (literatura infantil), com Matilde Garcia Rosa, 1933</p> <p>- <i>Brandão entre o mar e o amor</i>, com José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz, 1942</p> <p>- <i>O mistério de MMM</i>, com Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Rachel de Queiroz, José Condé, Guimarães Rosa, Antônio Callado e Orígenes Lessa, 1962.</p>

Tabela 1.1: As obras de Jorge Amado

### 1.3 Publicações no exterior:

Segundo relatos da Fundação Casa de Jorge Amado, existem registros oficiais de traduções de obras do escritor para os seguintes idiomas: azerbaijano, albanês, alemão, árabe, armênio, búlgaro, catalão, chinês, coreano, croata, dinamarquês, eslovaco, esloveno, espanhol, esperanto, estoniano, finlandês, francês, galego, georgiano, grego, guarani, hebraico, holandês, húngaro, iídiche, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, macedônio, moldávio, mongol, norueguês, persa, polonês, romeno, russo, sérvio, sueco, tailandês, tcheco, turco, turcumênio, ucraniano e vietnamita (48 no total). Essas traduções foram publicadas no mínimo nos seguintes países: Albânia, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Armênia, Áustria, Azerbaijão, Bulgária, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Eslováquia, Estônia, Finlândia, França, Geórgia, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irã, Islândia, Israel, Itália, Iugoslávia, Japão, Letônia, Lituânia, México, Mongólia, Noruega, Paraguai, Polônia, Portugal, República Tcheca, Romênia, Rússia, Suécia, Tailândia, Turquia, Ucrânia, Uruguai, Venezuela e Vietnã; o Brasil também deve ser computado em função da edição nacional em esperanto, totalizando 52 nações.

## CAPÍTULO II - “*Capitães da Areia*”: O Livro e o Filme

### 2.1 Apresentação de *Capitães da Areia*: o Livro

Escrito no ano de 1937, a obra *Capitães da Areia*, é o livro mais vendido do autor, ultrapassando *Mar Morto*, *Dona Flor e seus dois Maridos* e até mesmo *Gabriela Cravo e Canela* (títulos mais conhecidos do autor). O livro *Capitães da Areia* teve a primeira edição apreendida e exemplares queimados em praça pública de Salvador por autoridades na época da ditadura Militar. *Capitães da areia* é reconhecido literariamente como o primeiro romance brasileiro a retratar a vida dos meninos de rua.

A temática das crianças que vivem nas ruas continua muito atual. Para escrever *Capitães da Areia*, Jorge Amado foi dormir no trapiche com os meninos. Isso ajuda a explicar a riqueza de detalhes, o olhar de dentro e a empatia que estão presentes na história. (Zélia Gattai Amado *apud* Amado, p.263, 2009)

O livro inicia-se com uma série de reportagens fictícias (mas que fazem alusão a um jornal que realmente existiu em Salvador, na Bahia “*JORNAL DA TARDE*”) que explicam a existência de um grupo de menores abandonados e marginalizados que aterrorizam a cidade de Salvador e é conhecido por *Capitães da Areia*. Após esta introdução, inicia-se a narrativa que gira em torno das peripécias desse grupo que sobrevive basicamente de furtos. Porém, apesar de certa linearidade, a história é contada em função dos destinos de cada integrante do grupo de forma a montar um quebra-cabeça maior.

Jorge Amado utiliza-se da técnica da *intertextualidade*, que corresponde à presença de um texto dentro de outro texto, constitui-se como recurso engenhoso para a composição de um romance, pois acentua a *verossimilhança* da obra, dando ao leitor a impressão da verdade do que se narra. Nesse sentido, expõe a perspectiva adotada pelo autor - a luta de classes, através da qual retrata o contraste social: de um lado, os ricos, a polícia, a justiça, a mídia e o clero; do outro lado, os pobres, a miséria urbana, a criminalidade, o abandono, a repressão.

O livro *Capitães da Areia* segue um tempo cronológico, pois podemos observar a sequência dos fatos e o crescimento tanto físico quanto psicológico de seus personagens (na sua maioria crianças).

O espaço em que o livro se passa é na Bahia, nas ruas de Salvador, ou em um velho trapiche abandonado

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem. Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para as aventuras das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite. (AMADO, 2009, p.25)

O enredo retrata o cotidiano de um grupo de meninos de rua, procura mostrar não apenas os assaltos e as atitudes violentas de sua vida bestializada, mas também as aspirações e os pensamentos ingênuos, comuns a qualquer criança. Como podemos observar no tópico “*DEUS SORRI COMO UM NEGRINHO*” em que a personagem Pirulito, após um refeição feita a partir de sobras da casa de um rico português divaga sobre a beleza do dia e as condições dos capitães

Pirulito mirou o céu azul onde Deus devia estar e agradeceu num sorriso e pensou que Deus era realmente bom. E pensando em Deus pensou também nos Capitães da Areia. Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é porque não tinha casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda cidade poderia dar a todos. (AMADO, 2009, p. 106)

O grupo Capitães da Areia é chefiado por um jovem chamado Pedro Bala, um menino loiro e filho de um grevista morto no cais. Foi parar na rua por volta dos cinco anos de idade e desde jovem já se mostrava corajoso e o mais capacitado a se tornar o líder das crianças.

É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez que vagabundeia pelas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morreu de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça. (AMADO, 2009, p.26)

Quando se incorporou ao grupo o chefe era o caboclo Raimundo, entretanto com este se meteu em uma briga que rendeu ao resto de Pedro Bala uma cicatriz que ficou para o resto

da vida. Posteriormente, ao se deparar com Raimundo querendo surrar outro parceiro de grupo, Barandão, Pedro Bala encontrou a possibilidade de revanche que queria.

Uma noite quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal. Engajou tempos depois num navio. (AMADO, 2009, p.27)

O grupo ocupava um trapiche abandonado na praia e era formado por quase cem crianças, sendo que algumas vão sendo apresentadas aos poucos durante a narrativa. Uma delas era o Professor, que sabia ler e passava as noites lendo livros à luz de vela. Algumas vezes ele lia as histórias para os outros do grupo ou então criava as suas próprias narrativas a partir do que lera.

João José, o professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outras histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heroicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmos. João José era o único que lia corretamente entre eles e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar historias fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventara, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. Pedro Bala nada resolvia sem o consultar e varias vezes foi a imaginação do Professor que criou os melhores planos de roubo. (AMADO, 2009, p.30)

Outra personagem que compõe o grupo é Gato, conhecido assim por ser tido como um dos mais bonitos ali. Sendo muito vaidoso, tentava andar arrumado na medida do possível e de acordo com sua realidade de menino de rua. Gato se apaixona por uma prostituta chamada Dalva, que irá ter um romance com o jovem após ser abandonada por seu amante.

Sobre o personagem Pirulito podemos destacar que “era magro e muito alto, uma cara seca, meio amarela, os olhos encovados e fundos, a boca rasgada e pouco risonha” (AMADO,

2009, p.33). Pirulito chama-se Antônio e alimentava uma devoção pelo do santo do mesmo nome, além cultivar também uma imagem de Nossa Senhora das Sete Dores.

Outra personagem que merece destaque é Sem Pernas, um jovem amargo e que odiava tudo e todos. Por ser manco, às vezes era usado nos assaltos a casas: ele batia nas portas das casas dizendo que era um órfão aleijado e pedia ajuda. Ganhando confiança dos moradores, ele descobria o que tinha de valor na casa e depois relatava aos Capitães da Areia.

Era o espião do grupo, aquele que sabia se meter na casa de uma família uma semana, passando por um bom menino perdido dos pais na imensidão agressiva da cidade. Coxo, o defeito físico dera-lhe o apelido. Mas valia-lhe também a simpatia de quanta mãe de família o via, humilde e tristonho na sua porta, pedindo um pouco de comida e pousada por uma noite. (AMADO, 2009, p.31)

Por fim, outras personagens são: Volta Seca, que se dizia afilhado de Lampião e sonhava ser integrante do bando de seu padrinho;

Boa Vida, jovem esperto e que se contenta com pouco; e o negro João Grande, que entrara para o grupo após perder o pai, um carroceiro que fora atropelado por um caminhão.

Desde aquela tarde em que seu pai, um carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou à pequena casa do morro. Na sua frente estava a cidade misteriosa, e ele partiu para conquistá-la. A cidade da Bahia, negra e religiosa, é quase tão misteriosa como o verde mar. Por isso João Grande não voltou mais. Engajou com nove anos nos Capitães da Areia, quando o caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de se arriscar. Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que os maiores faziam para planejar os furtos. (AMADO, 2009, p.28)

Ao lado dessas personagens centrais que formam o grupo, encontra-se ainda o Padre José Pedro, que era amigo dos meninos e procurava cuidar deles da forma que considerava mais correta.

O padre José Pedro não era considerado uma grande inteligência entre o clero. Era mesmo um dos mais humildes entre aquela legião de padres da Bahia. Em verdade fora cinco anos operário numa fábrica de tecidos, antes de entrar para o seminário. O direto da fábrica, num dia em que o bispo a visitara, resolveu dar mostra de generosidade e disse e disse que “já que o senhor bispo se queixava da falta de vocação sacerdotal, ele estava disposto a custear os estudos de um seminarista ou alguém que quisesse estudar para padre”. José Pedro, que estava em seu tear, ouvindo, se aproximou e disse que ele queria ser padre. Tanto o patrão como o bispo tiveram uma surpresa. José Pedro já não era mais moço e tinha estudo algum. Mas o patrão, diante do bispo, não quis voltar atrás. E José Pedro foi para o seminário. [...] Não estava de acordo

com muitas coisas que aconteciam no seminário e por isso os meninos o perseguiram. Não conseguia penetrar os mistérios da filosofia, da teologia e do latim. Mas era piedoso e tinha desejos de catequizar crianças ou índios. (AMADO, 2009, p. 71)

E, a mãe-de-santo D. Aninha, descrita pelo narrador da seguinte maneira: Don'Aninha era magra e alta, um aristocrático de negra, e sabia levar como nenhuma das negras da cidade suas roupas de baiana. Tinha o rosto alegre, se bem bastasse um olhar seu para inspirar absoluto respeito". (AMADO, 2009, p.94).

Dos acontecimentos que vão mudar o rumo da narrativa podemos destacar a infecção da varíola que passa os moradores da cidade. Um dos meninos do grupo contrai a doença e é internado, deixando os outros garotos do bando muito assustados. É nesse momento que surge Dora e Zé Fuinha, cuja mãe também morreu por causa da varíola, e eles passam a integrar o bando. No início alguns jovens tentaram se relacionar sexualmente com Dora, mas são impedidos por Pedro Bala, Professor e João Grande. Porém, Dora e Pedro Bala passam a ter certo envolvimento amoroso.

Outro ponto chave do livro está quando Pedro Bala e Dora são capturados pela polícia levados presos. Ela foi levada para um orfanato, enquanto Pedro Bala foi torturado pela polícia e mantido preso em uma solitária por oito dias. Algum tempo depois, os meninos conseguem ajudar Pedro a se livrar do reformatório e partem para libertar Dora também. Porém, encontram-na muito doente e ela passa apenas mais alguns dias com os meninos. Muito fraca antes de morrer, Dora consuma seu relacionamento amoroso com Pedro Bala.

Após a morte de Dora o grupo vai sofrendo algumas alterações. Pirulito parte com o Padre José Pedro para trabalhar com ele na igreja, Sem Pernas acaba morrendo em uma fuga da polícia e Gato vai para Ilhéus com Dalva, de quem é cafetão. Já Professor conseguiu entrar em contato com um homem que lhe oferecera ajuda e tornou-se pintor no Rio de Janeiro retratando as crianças baianas. Por fim, Volta Seca conseguiu se tornar um cangaceiro de seu "padrinho" Lampião. Após cometer muitas mortes e crimes, a polícia prende Volta Seca e ele é condenado.

Cada vez mais fascinado com as histórias de seu pai sindicalista que morrera em uma greve, Pedro Bala passa a se envolver em greves e lutas a favor do povo. Assim, movido por ideais comunistas e revolucionários, Pedro Bala passa o comando do bando para outro menino e parte para se tornar um militante proletário.

O romance é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente. Essa característica narrativa possibilita que seja cumprida uma tarefa facilmente notada pelo leitor: mostrar o outro lado dos Capitães da Areia. O narrador, ao penetrar na mente dos garotos, apresenta não apenas as atitudes que a vida bestializada os obriga a tomar, mas também as aspirações, os pensamentos ingênuos e puros, comuns a qualquer criança. O narrador não se esforça por ser imparcial; participa com seus comentários, muitas vezes sutis, mas sempre favoráveis aos Capitães da Areia.

Pode-se perceber que a obra não possui um personagem principal. Para indicar um protagonista, o mais apropriado seria apontar o conjunto do bando, ou seja, os Capitães da Areia como grupo. Isso porque as ações não giram em torno de um ou de outro personagem, mas ao redor de todos. Pedro Bala, o líder do bando, não é mais importante para o enredo do que o Sem-Pernas ou o Gato. Pode-se dizer que ele é o líder do bando, mas não lidera o eixo do romance. Daí a ideia de que o protagonista é o elemento coletivo, e cada membro do grupo funciona como uma parte da personalidade, uma faceta desse organismo maior que forma os Capitães da Areia.

## **2.2 Os Capitães da Areia**

Para o autor Jorge Amado que construiu a história do bando, “*Capitães da Areia*” era a denominação atribuída às crianças e adolescentes abandonados (aproximadamente cem) que habitavam um velho trapiche nas areias próximas ao cais do porto da cidade de Salvador, na Bahia. “Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro” (AMADO, 2009, p.27) compõem a narrativa do romance ficcional de Jorge Amado.

Era um grupo de garotos que levavam uma vida que não era nada fácil, por serem órfãos ou meninos que fugiram das casas onde eram mal tratados ou muitos que foram abandonados, que tinham que sobreviver tendo que arranjar o que comer e o que vestir, carregando malas, furtando carteiras e chapéus, outras vezes ameaçando homens, por até vezes pedindo esmola.

“Meninos assaltantes”, “ladrões”, “bando de demônios” “meninos delinquentes” e “malandros” são alguns dos termos que aparecem de modo recorrente nos discursos

produzidos pelos personagens do livro de Jorge Amado para caracterizar os “Capitães da Areia”.

Com a leitura da obra aqui em questão mostrou-se um fecundo terreno de pesquisa que visa mostrar a violência contida nos discursos, a violência física a qual muitas vezes os personagens que compõe o grupo dos “Capitães da Areia” foram submetidos. Violência cometida por agentes públicos, durante o horário de trabalho, nas dependências físicas das instituições a qual estavam vinculados. “Pedro Bala” havia sofrido maus tratos quando havia sido internado no Reformatório, o que compreendia espancamento, trabalho forçado e alimentação precária. O “Sem-Pernas”, outro personagem do livro, também fora vítima de espancamento quando fora preso por policiais e conduzido pra uma delegacia de polícia. Jorge Amado revela, portanto, a inexistência de uma distinção clara sobre o tratamento legal utilizado para punir adultos e menores infratores. Ao contrário, expõe a violência, a força, o castigo, o sofrimento como estratégias utilizadas no processo de ressocialização dos menores infratores.

Podemos destacar como a passagem mais dramática, triste e marcante do livro fica o desfecho da trajetória de vida do “Sem-Pernas”. Após um furto mal sucedido, o “Sem-Pernas” sai correndo juntamente com outros “Capitães” a fim de escaparem dos policiais. No entanto, o defeito físico na perna que lhe conferira o apelido impedia uma fuga mais rápida por sua parte. Após alucinante fuga pelas ruas, o “Sem-Pernas” é encurralado pelos policiais. Não havia saída. Os policiais iriam prendê-lo. As imagens produzidas na mente do “Sem-Pernas” constituem referências aos maus tratos sofridos, ao espancamento, a uma vida completamente diferente da que ele havia sonhado nos momentos de distração, uma vida sem carinho, sem proteção, sem nada. Percebendo que não havia saída, o “Sem-Pernas” se joga do alto da mureta do Elevador Lacerda – cartão postal da capital baiana:

Nunca, porém, o tinham amado pelo que ele era, menino abandonado, aleijado e triste. Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é esse homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para um pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço, como se fosse um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio (AMADO, 2009, p. 243).

### 2.3 O Filme “*Capitães da Areia*”

O filme “*Capitães da Areia*” foi baseado na obra literária de mesmo nome do autor Jorge Amado.

Não por acaso quem dirige o filme é a neta de Jorge Amado, Cecília Amado, que estreou na direção de longas metragens com o filme. A película teve seu lançamento no dia 7 de outubro de 2011, ano de comemoração do centenário de Jorge Amado, e dez anos de sua morte.

O filme “*Capitães da Areia*” por ser baseado no livro tem personagens que já são nossos conhecidos do livro: Pedro Bala que é interpretado pelo ator Jean Luís Amorim, Professor (Robério Lima), Gato (Paulo Abade), Sem Pernas (Israel Gouvêa) e Boa Vida (Jordan Mateus) que são adolescentes abandonados por suas famílias, que crescem nas ruas de Salvador e vivem em comunidade no Trapiche junto com outros jovens de idade semelhante.

No filme os meninos agem da mesma forma que no livro, praticam uma série de assaltos, o que faz com que sejam constantemente perseguidos pela polícia. Assim como no livro que conhece primeiro Dora (Ana Graciela) e seu irmão Zé Fuinha (Felipe Duarte) é o personagem Professor (Robério Lima). Ele os leva até o Trapiche, o que desencadeia a excitação dos demais garotos, que não estão acostumados à presença de uma figura feminina no local. Pedro Bala consegue acalmar a situação e permite que Dora e o irmão fiquem por algum tempo. Só que, aos poucos, nasce o afeto entre o líder dos Capitães da Areia e a jovem que acabou de integrar o bando.

No filme podemos perceber que Cecilia Amado (diretora) foca essencialmente no drama de quatro personagens em especial: Pedro Bala, Professor, Sem Pernas e Dora. Cecília se aproveita das vantagens do audiovisual para pincelar em cenas isoladas, diálogos do texto que corroboram seu argumento e aprofundam os personagens, à medida que nos insere aos poucos no universo da história, dando o tom de sutileza guiará toda a obra. O ritmo do roteiro de Cecília é ideal para assimilação das informações. Algumas cenas, trabalhadas sem diálogos apenas para a contemplação do visual são apresentadas em planos sequenciais lentos, que ajudam ao espectador apreciar detalhe por detalhe. é luz, cor, sombra, câmera, e arte.

No texto, “*Literatura e Cinema, Dialogo e recriação: O caso de Vidas Secas*”, de análise de Randal Jhonson, podemos entender melhor as escolhas de Cecilia Leal:

Enquanto um romancista tem a sua disposição a linguagem verbal, com toda a riqueza metafórica e figurativa, um cineasta lida com pelo menos cinco materiais de expressão diferentes: imagens visuais a linguagem verbal oral

(diálogo, narração, e letras de músicas), sons não verbais (ruídos e efeitos sonoros) música e a própria língua escrita (créditos, títulos e outras escritas). Todos esses materiais podem ser manipulados de diversas maneiras. A diferença entre os dois meios não se reduz, portanto, a diferença entre a linguagem escrita e a imagem visual, como se costuma dizer. Se o cinema tem dificuldade em fazer determinadas coisas que a literatura faz, a literatura também não consegue fazer o que o um filme faz. (JHONSOM 2003 p.42)

## CAPÍTULO III - Os capitães do livro e os capitães do Cinema

### 3.1 Literatura e cinema: um Diálogo Possível

Não é a primeira vez que as palavras literárias de Jorge Amado são transformadas em imagens cinematográficas e televisivas. A obra *Capitães da Areia*, publicada pelo autor baiano no ano de 1937, já foi objeto deste tipo de adaptação por três vezes: em 1970, para o cinema, com direção de Hall Bartlett; em 1989, para a televisão (minissérie), com direção de Walter Lima Jr., e em 2011, novamente para as salas de projeção, dirigida pela neta do autor, Cecília Amado.

A versão do filme dirigido por Cecilia Amado é apontada por muitos professores de Literatura como alternativa para apresentar a obra de Jorge Amado aos estudantes do ensino médio, mecanismo muito comum em adaptações de outros títulos de livros. No filme, muitas das descrições que existiam no romance foram transformadas em elementos visuais. Um outro elemento beneficiador para a película foi à inserção de músicas, as melodias da Bahia permeiam o filme acrescentando tonalidade sentimental a várias cenas. Por fim, por ser costume cinematográfico as obras terem a duração média de duas horas, muitas cenas do romance paradigma foram transformadas em sumários narrativos e outras foram condensadas ou completamente suprimidas. Todos esses elementos acima em questão podem são apresentados e esclarecidos no texto “Literatura e Cinema” de análise Corseuil.

Quando um texto literário é adaptado para o cinema, é comum ouvirmos comentários e lermos análises, a respeito da “fidelidade” ou “infidelidade” do filme em relação ao romance ou peça em que se baseia. Leitores de um romance vão assistir a sua adaptação para o cinema com certas expectativas, dentre as quais pode se incluir uma hierarquia de valores que definem o romance como obra original, legítima e representativa de uma certa época ou sociedade. (CORSEUIL, 2009 p.367)

Um exemplo que podemos dar no filme foi o que aconteceu um “amorenamento” dos personagens Pedro Bala e Dora que livro eram loiros e no filme tornam-se morenos. O mesmo aconteceu com o personagem Gato que no livro era moreno e tornou-se negro no filme, pode-

se dizer que isso relatou melhor a Bahia, uma vez sabendo-se que a maioria da poluição local é de morenos e negros. Após algumas pesquisas verificamos o motivo desses “amorenamento”. Numa época de concentração de esforços em nome da igualdade racial, torna-se compreensível o trabalho de Cecília Amado de não mostrar uma Bahia “branqueada”. E vale a pena salientar que Jorge Amado não acreditava que existisse na Bahia alguém 100% branco ou 100% negro – todos seriam naturalmente mulatos. Cinema é feito de imagem, por isso parece que a maior preocupação na confecção da película foi fazer as massas verem essa questão étnica e não apenas compreendê-la, muito menos subentendê-la.

Ao analisarmos o filme também percebemos que a neta de Jorge Amado tentou fazer a transposição do livro em filme o mais próximo possível, porém também é importante ressaltar que Cicília Amado não quis levantar as bandeiras ideológicas e políticas que seu avó defendia. As passagens do livro que relatam as greves, o socialismo, maniqueísmo da luta de classes que alimentou o romance originalmente foram pouco tratadas do filme e porque não dizer que foram deixadas de lado, como podemos observar na passagem no filme que vai do minuto “55:26” ao “56:09” quando professor está fazendo um desenho de Dora e ela pergunta sobre o pai de Pedro Bala, Professor faz um pequeno comentário dizendo que “ele era comunista e que organizava o pessoal pra fazer as greves” e diz que quem sabe bem a história direitinho é Querido de Deus, e pede para ela ficar parada de lado para ele terminar o desenho. Podemos interpretar essa passagem como deixar de lado as causas socialistas, maniqueístas, a questão da greve e dos movimentos políticos e sociais aos quais Jorge era declaradamente militante e que foram pouco trabalhadas no filme.

O filme foi feito em uma linha tênue entre o fiel e o inovador, sem prejuízos a memória de Jorge, sua obra e a política em vigor na época e até mesmo nos dias atuais.

O filme por sua vez é visto como obra original, legítima, e até certo ponto criativa, mas está necessariamente em condição de dependência ao romance adaptado. Dentro dessa perspectiva tende-se a definir a complexidade e a validade do filme a partir da forma como ele vai representar certos temas, significados e questões formais que se apresentam na obra literária. O que se revela problemática nessas leituras comparativas é o cerceamento de significados, indiretamente impostos pelo texto literário, ao analisar-se uma adaptação para o cinema. Cerceamento este que acaba reduzindo a pluralidade de significados que o filme possa ter como obra independente. Ao contrário dessa perspectiva redutora de adaptação, respeitando o momento histórico-cultural em que ele é produzido e inserindo-o nos vários discursos que o constituem como produção cinematográfica, tais como: a performance dos diversos atores e como eles operam na indústria cinematográfica, a ideologia dominante no filme, o sistema de divulgação e produção, os elementos

narrativos e a linguagem específica ao cinema. (CORSEUIL *apud* NAREMORE, 2009 p.369)

A supressão de alguns episódios polêmicos como o abuso cometido por Pedro Bala a uma negrinha no areal, e o envolvimento sexual de Sem Pernas com uma mulher que lhe deu abrigo também é algo que chama bastante a nossa atenção, Cícília tentou esconder esse ponto negativos nos personagens, onde a sexualidade dos garotos é muito latente. O motivo dessa supressão talvez seja para atender o público consumidor de sua obra, o que também não prejudicou a construção dos referidos personagens e nem o filme como um todo, pois as partes mais importantes do livro estão presentes no filme.

E Corseuil (2009) complementa “Existe uma cultura de adaptações “fidedignas” que pode ser extremamente problemática, uma vez que muitos filmes adaptados esvaziam-se de significados próprio, quando tendem simplesmente repetir diálogos intermináveis”. (CORSEUIL, 2009 p.369)

### **3.2 Literatura e Cinema em “*Capitães da Areia*”**

Conforme temos relatado nesse trabalho, em capitães de areia, livro e filme se encontram e convergem para a mesma temática – a infância em abandono. Antes do mesmo do primeiro capítulo do livro, a edição utilizada em nossa pesquisa, publicada em 2009, pela companhia das letras, traz algumas notas da imprensa da época retratada no livro como preâmbulo, ou preparação do leitor para o que será lido.

No filme, essas referências aparecem nas leituras do personagem Professor (único letrado do bando), que lê as manchetes de jornais para os companheiros que escutam tudo com orgulho dos feitos.

Outras duas passagens do livro que foram muito bem trabalhadas no filme são: A brincadeira dos meninos no carrossel e o assalto na casa de Dona Ester e Seu Raul.

Na passagem do carrossel podemos ver tanto no livro quando no filme, as crianças sendo crianças, se divertindo como crianças, esquecendo seus abandonos, tristezas e dores.

Na passagem do assalto podemos sentir também a angústia de Sem Pernas ao lermos o livro, tendo que fazer mal a casa à “família” que o acolheu. Isso foi muito bem retratado no filme, quando podemos ver o choro, a tristeza e a angústia de Sem Pernas, retratada em imagens visuais.

Analisando o filme como um todo, podemos dizer que ele cumpriu com seu papel, que é o de mostrar a triste realidade tão atual de meninos abandonados, jogados a margem da sociedade e que tem que sobreviver como podem, da forma que podem e dá maneira que podem.

Tomamos por base o texto de Ismail Xavier “Do texto ao filme, a cena e a construção do olhar no cinema”, para entendemos melhor a questão de adaptações de obras literárias em imagem cinematográficas:

A questão da adaptação literária pode ser discutida em muitas dimensões. E o debate dente a se concentrar no problema da interpretação feita pelo cineasta em sua transposição do livro. Vai-se o direto ao sentido procurado pelo filme para verificar em que grau este se aproxima (é fiel) ou se afasta do texto original. (Xavier 2003 p.61)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de curso calçou-se em mostrar um possível diálogo entre a obra “*Capitães da Areia*” do escritor baiano Jorge Amado, e o filme homônimo que foi dirigido pela neta de Jorge, Cecília Amado. Jorge Amado falou das coisas do seu tempo como a questão do abandono de menores, que continuam muito atuais na época em que vivemos, das quais Cecília Amado achou pertinente relatar em seu filme. Jorge Amado escreveu romances de cunho social e político, no qual se evidencia a preocupação com a conscientização da população mais pobre, sobretudo no que diz respeito à denúncia da exploração do mais rico para com o mais pobre, da exclusão social e do cerceamento da liberdade de expressão na sociedade de classes instalada no Brasil. Através da história dos “Capitães da Areia” o autor propõe a reflexão sobre a situação de abandono vivida pelos menores nas ruas de Salvador. Escrito há mais de 70 anos, o romance nos parece atualíssimo. Toda essa preocupação do autor em relação à situação do abandono dos meninos e meninas aparece em cena no filme dirigido por sua neta.

A insistência na “fidelidade” – que deriva das expectativas que o espectador traz ao filme, baseada na sua própria leitura do original – é um falso problema porque ignora diferenças essenciais entre os dois meios, e porque geralmente ignora a dinâmica dos campos de produção cultural nos quais os dois meios estão inseridos. (JHONSOM 2003 p.42)

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge, 1912-2001. **Capitães da Areia**/ Jorge Amado; posfácio de Milton Hatoum — São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge, 1912-2001. **Capitães da Areia**/ Jorge Amado; posfácio de Milton Hatoum — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOTTON, Fernanda Verdasca. **Capitães de que? Os meninos de Jorge Amado na Literatura e no Cinema.**

[http://www.releituras.com/jorgeamado\\_bio.asp](http://www.releituras.com/jorgeamado_bio.asp). Consultado em 05/04/2015

[http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=75](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75) Consultado em 05/04/2015

Literatura, cinema e televisão/ Tania Pellegrini.. [et al.] .- São Paulo : Editora Senac São Paulo : Instituto Itaú Cultural, 2003

Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas/ organização : Thomas Bonnici, Lucia Osana Zolin. 3. Ed. Ver. E amp.—Maringá Eduem, 2009. 406. :il.

## FILMOGRAFIA

\_\_\_\_\_. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: Telecine, 2011. DVD (01 h, 46min.)